

A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL

LISBOA, 16 - 22 DE NOVEMBRO 1987



CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA

Ficha técnica:

Coordenação - Luis Alves da Silva

Rui Mateus

Design gráfico - Rui Mateus

Secretaria/Processamento de texto: M^a da Graça Colaço

Composição - Gabinete de design / C.A.M.

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda / Santa Maria da Feira

Edição - Campo Arqueológico de Mértola

Exemplares - 500

Depósito legal - 51346/91

Ilustração da capa:

Tijela do século XI, de provável origem tunisina (Museu de Mértola)



A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL

LISBOA
16 -22 novembro 1987

Edição:
CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA

Apoio:
ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO PATRIMÓNIO DE MÉRTOLA
CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA
COMISSÃO DE COORDENACÃO DA REGIÃO ALENTEJO
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO CULTURAL
JUNTA NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

1991

Tema 4

A cerâmica medieval em Portugal

Cerâmicas almoadas do Castelo de Silves

Rosa VARELA GOMES

Resumo: Uma metodologia arqueológica rigorosa permitiu-nos detectar importante sucessão estratigráfica, do período muçulmano, no Castelo de Silves. Pretendemos, neste trabalho, dar a conhecer as cerâmicas recolhidas no nível mais recente daquela ocupação (séculos XII-XIII), que incluem uma rica coleção de peças esmaltadas, de cor branca/azul, verde e castanha, vidradas, e exemplares de pastas bem depuradas, de cor bege, e de barro vermelho.

1. Introdução

A actual cidade de Silves, a velha elb do Gharb muçulmano, foi erguida numa elevação do Barrocal algarvio (fig. 1), sobre a margem direita do rio Arade, dominando uma fértil planície e encontrando-se protegida pelos montes circundantes. A sua situação apresenta aspectos, estratégicos e defensivos, comuns a outras cidades, nomeadamente às de mais antiga fundação islâmica, da zona do Rif (Cressier, 1983, 43).

O castelo, edificado no ponto mais elevado do cerro e 56m acima do nível das águas do mar, domina todo o tecido urbano da cidade que se desenvolve, a sul e a poente, em ruas íngremes e irregulares, algumas ainda com referências medievais, até ao rio (fig. 2).

A zona escolhida para iniciarmos as escavações arqueológicas, na alcáçova de Silves, fica situada numa área do seu lado nascente, frente a um dos torreões da muralha (fig. 3). As coordenadas geodésicas, aproximadas, de um ponto central do local são: 37°11'15" de latitude norte e 8°26'10" de longitude oeste de Greenwich, segundo a Carta Corográfica de Portugal (Silves, folha 49-D, na escala 1/50.000, Instituto Geográfico e Cadastral, 1964). Actualmente, depois de quatro campanhas de escavações que totalizam três meses e meio de trabalhos de campo, identificámos uma importante sucessão estratigráfica, muçulmana, que integrava muros e pavimentos, sobrepostos ou reaproveitados, mais parecendo um tell. Nos sete diferentes níveis assinalados, recolhemos cerca de quinze mil fragmentos de cerâmica que se distribuíam de modo irregular. O estudo deste material fez-nos reconhecer, em termos funcionais, 929 peças que incluem dezassete formas, com variantes tanto estruturais (fig. 4) como na temática decorativa, empregues entre o século VIII, quando se inicia a ocupação muçulmana do local, e 1248, data da conquista

definitiva da cidade por D. Paio Peres Correia.

Na camada mais antiga, que atribuímos ao século VIII e para a qual já possuímos uma datação absoluta, por 14C, que nos indica como limite inferior o ano de 670 não podendo ser posterior a 890, coexistem, os primeiros materiais muçulmanos com peças pertencentes ao fundo cultural tardo-romano ou visigótico-bizantino. Nas camadas seguintes, certas peças deixam de ser utilizadas mantendo-se outras, embora com alterações tanto formais, como no tratamento dado às superfícies, e, especialmente, na temática decorativa empregue (fig. 5). Mas, será durante o período almorávida que se amplia a diversificação morfológica, culminando com a riqueza formal e decorativa das peças almoadas. Estas, pertencem à última ocupação muçulmana da alcáçova, e a uma maior área escavada, que integra um espaço habitacional constituído, por ora, por uma sala de entrada, cozinha e instalações sanitárias, pavimentadas por lajeados ou por terra batida com areia e cal (fig. 6). A casa foi construída tendo em vista manter certo distanciamento do pano de muralha, que ali cerca a alcáçova, encontrando-se, também, próxima do aljibe. Esta edificação é contemporânea dos principais dispositivos defensivos que ainda se conservam em Silves, nomeadamente das muralhas da alcáçova e da medina, assim como das suas portas e torres albarrãs. Na entrada da habitação, sobre um dos pavimentos, exumámos um esqueleto humano, com um virote de besta entre as costelas da região lombar esquerda, jazendo insepulto sob um nível de derrubes e de terras queimadas que, do mesmo modo, cobriam as cerâmicas ali recolhidas. Este incêndio destruiu parte da casa assim como fez estalar, em alguns casos, o esmalte que cobria as superfícies das peças em cerâmica e, ainda, deteriorou duas moedas ali recolhidas; uma mealha de D. Sancho I (1185-1211) e um dirham, almoada, cunhado em Córdoba entre 1146 e 1236 (fig. 7).

1

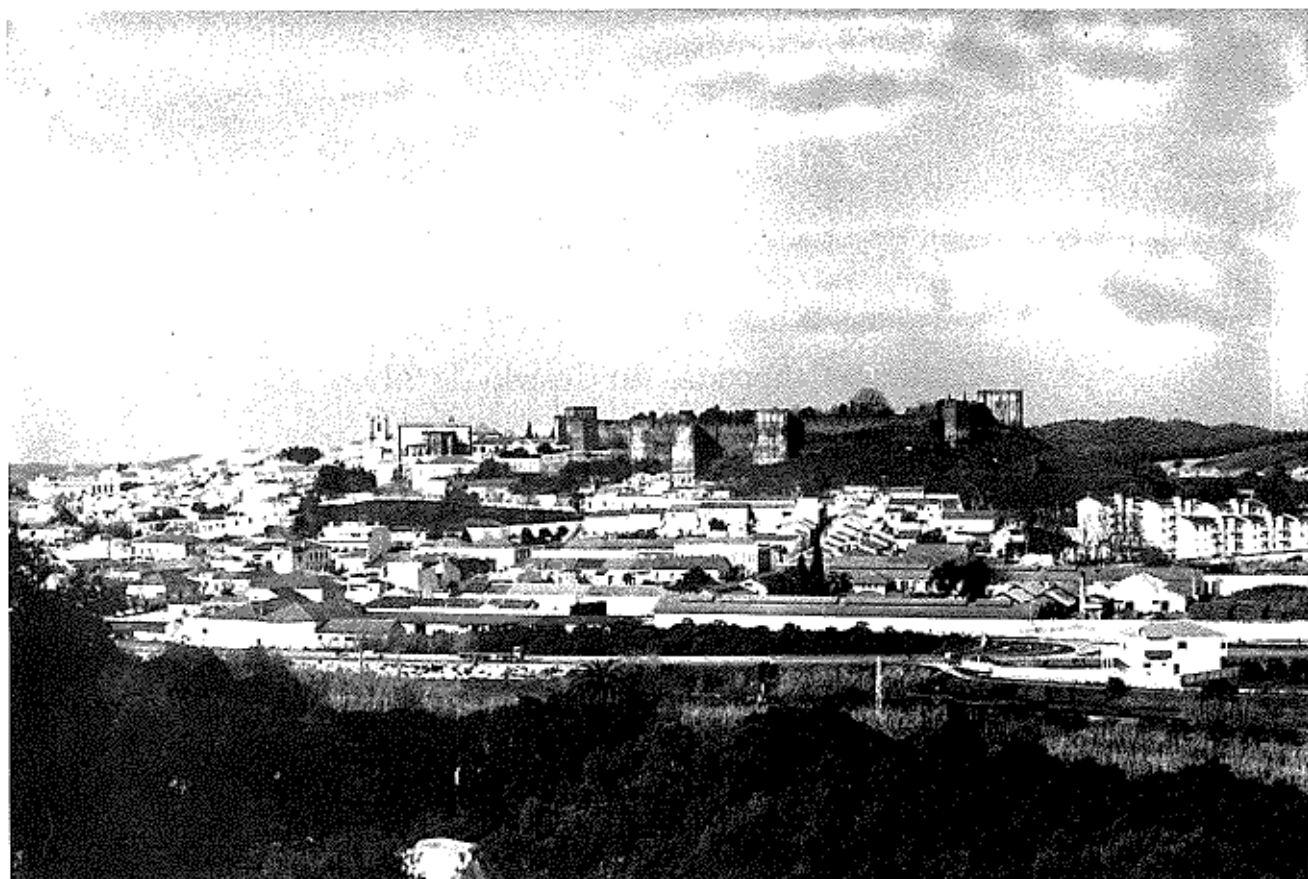


Fig. 1 - O Castelo de Silves visto de SE.

2



Fig. 2 - Fotografia aérea, da cidade de Silves, vendo-se as muralhas da alcáçova, a medina e o rio Arade.

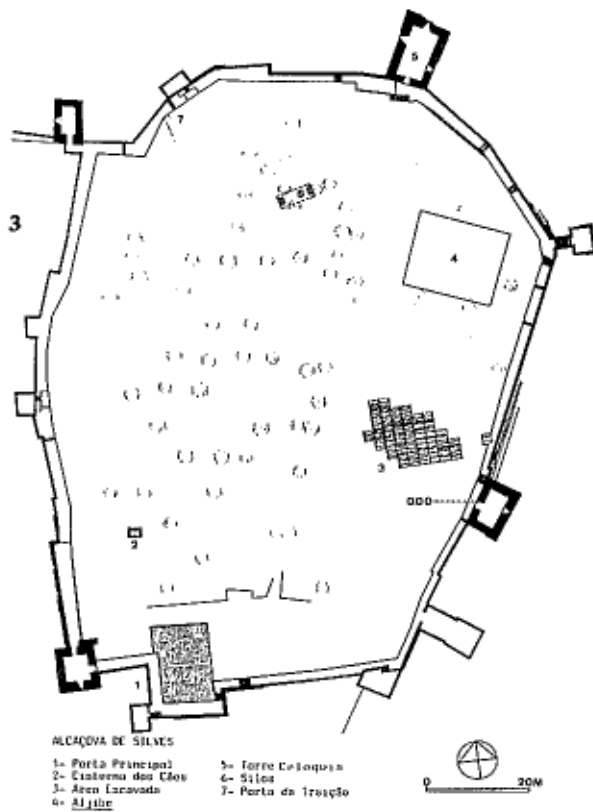


Fig. 3 - Planta da alcáçova de Silves.

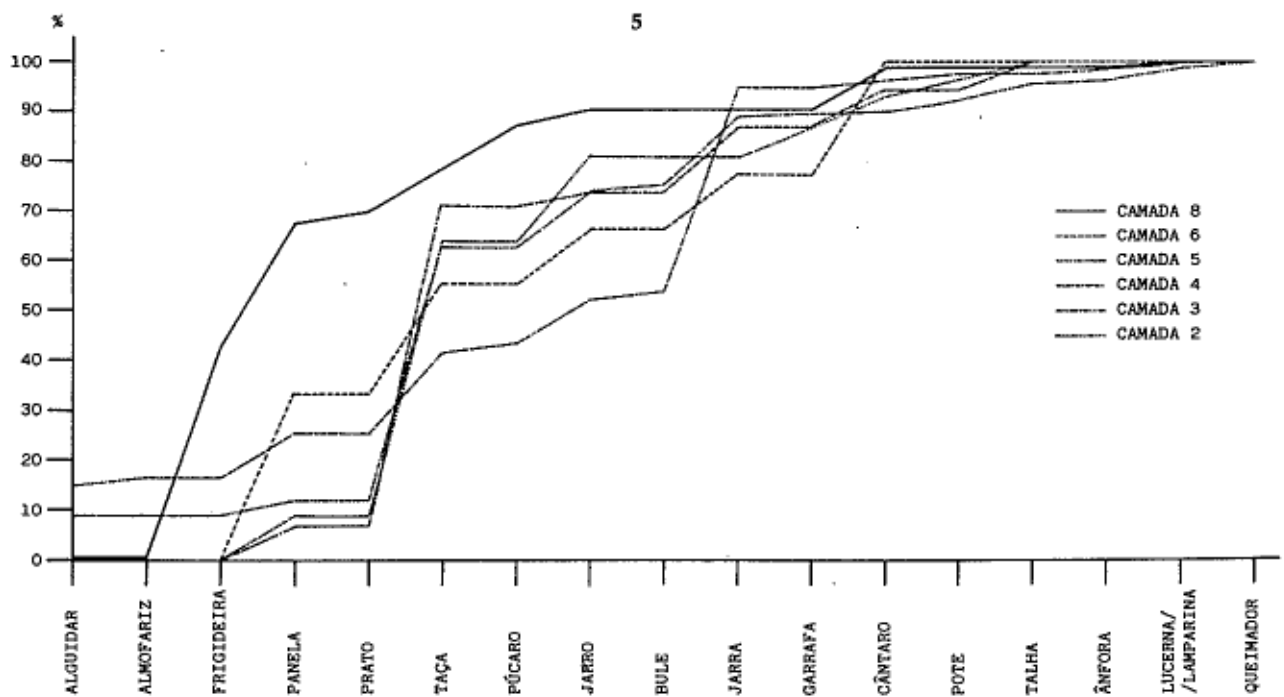
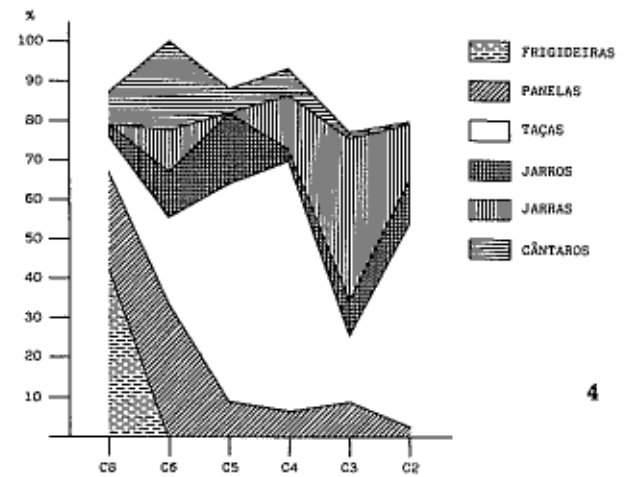


Fig. 5 - As formas cerâmicas mais abundantes nas diferentes camadas.

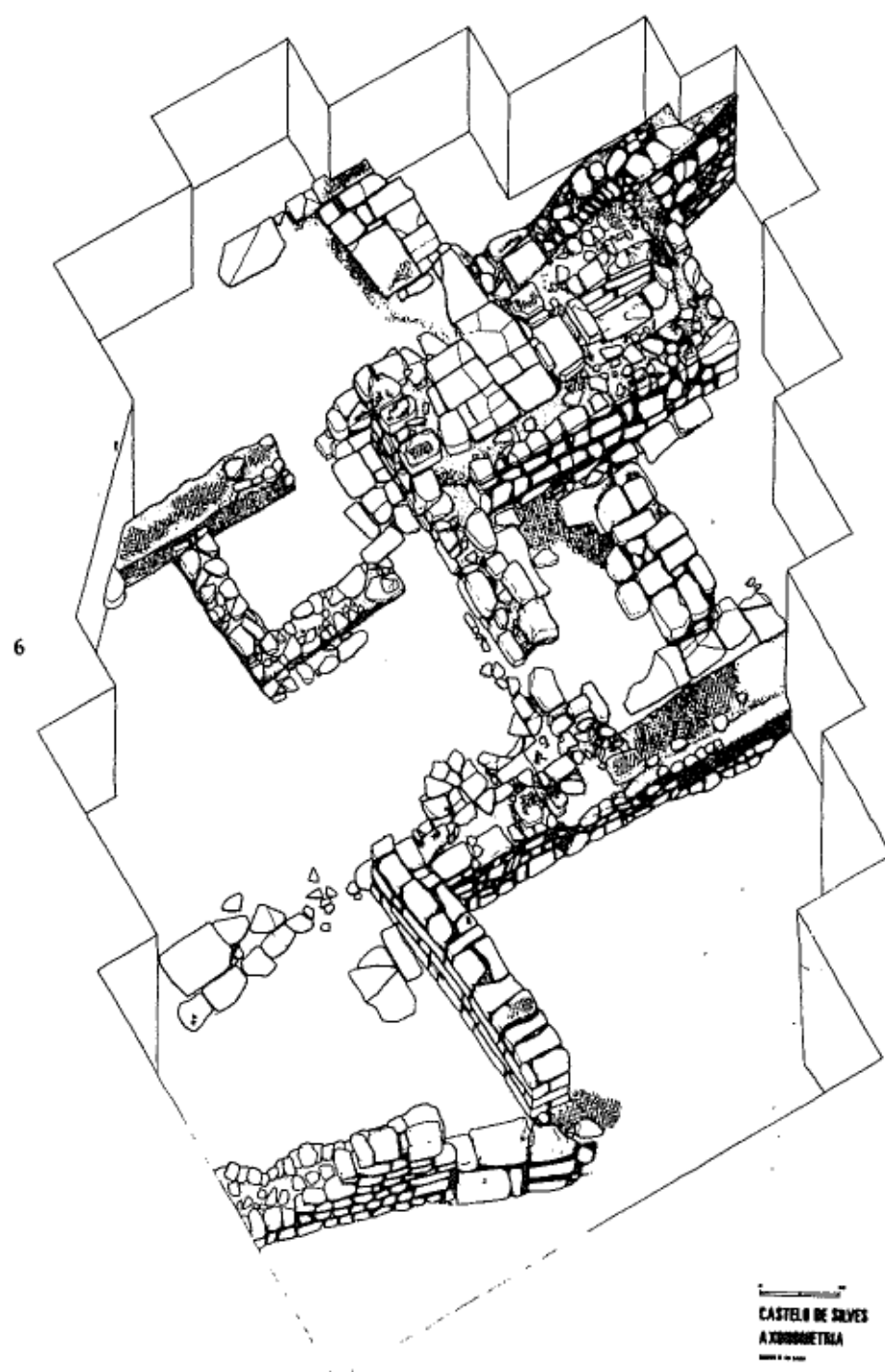


Fig. 6 - Axonometria de um sector da habitação almoadada (desenho de Rui Cunha).

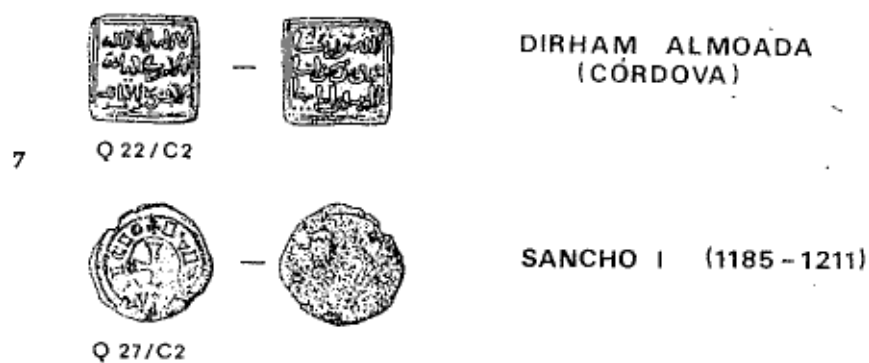


Fig. 7 - Moedas encontradas na casa almoadada.

As grandes áreas queimadas, os derrubes das estruturas, os numerosos viotes de besta que detectámos, assim como a disposição de muitas das peças tanto em cerâmica, como em osso e vidro, mostram não só um abandono imediato e precipitado do local como a sua destruição, sob os desmoronamentos, durante a conquista cristã da alcáçova.

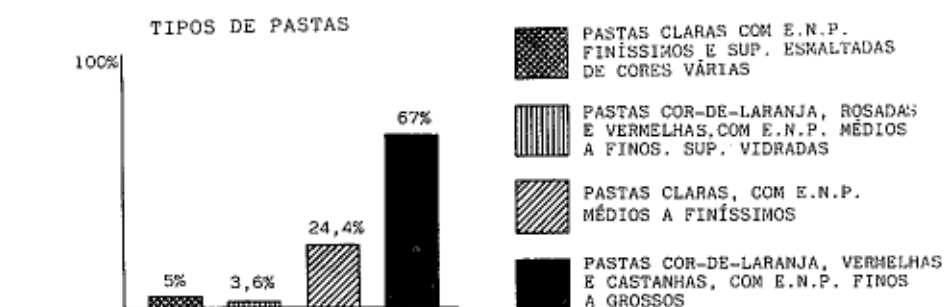
As cerâmicas descobertas distribuem-se de modo desigual nos diferentes compartimentos da habitação. Assim, existia uma maior concentração na sala de entrada, onde se faziam notar os fragmentos de, pelo menos, duas talhas, estampilhadas, dois queimadores, de essências e perfumes sólidos, e de bonitas taças esmaltadas. No compartimento anexo, que julgamos ser a cozinha, eram abundantes as cerâmicas comuns; tanto as peças fabricadas com pastas claras como as de pastas vermelhas e castanhas, que também estavam espalhadas um pouco por toda a parte, mas em menor número.

2. As formas, as pastas e as decorações (fig. 8).

As cerâmicas exumadas oferecem as superfícies esmaltadas, vidradas ou da cor da pasta, tendo, em qualquer dos casos, decorações diversificadas. Totalizam 11385 fragmentos.

2.1. Recolhemos taças, de pé alto e em anel, tampas, jarros, talhas, lucernas, lamparinas, potes e queimadores, com as superfícies esmaltadas. Estas peças foram fabricadas com pastas de cor branca, em tons de bege, rosado, amarelo claro, cor-de-laranja, vermelho acastanhado e acinzentado (2.5YR8/2; 10YR8/2; 10YR8/3; 10YR8/4; 7.5YR8/4; 7.5YR8/6; 7.5YR7/4; 5YR7/3; 5YR8/4; 5YR8/3; 5YR8/2; 2.5YR6/4; 2.5YR6/6; 2.5YR6/8; 10R6/6; 5Y8/3; 2.5YR5/8; 5YR7/6; 5YR6/6; 10R5/4; 10YR7/1; 10YR7/2) (1), bem depuradas, sendo os elementos não plásticos pouco perceptíveis. São excepção as peças de grandes dimensões onde predominam elementos de grão médio a grosso.

As taças apresentam forma hemisférica, carenada, ou com carena acusada (fig. 9); as com forma hemisférica, têm as superfícies esmaltadas a branco, uma delas mostra decoração com azul de cobalto e outra dourada. A primeira oferece um motivo floral, com oito pétalas (fig. 10), e a segunda mostra, na superfície interior, temas florais que intercalam com epigráficos, reconhecendo-se um bolbo, entreaberto, de lótus e restos de uma inscrição em caracteres cúficos. Linhas horizontais, no mesmo tom dourado, foram pintadas sobre o bordo e na superfície exterior estão representados, também, motivos fitomórficos de formas abertas e traçado gestual.



8

REPORTÓRIO FORMAL

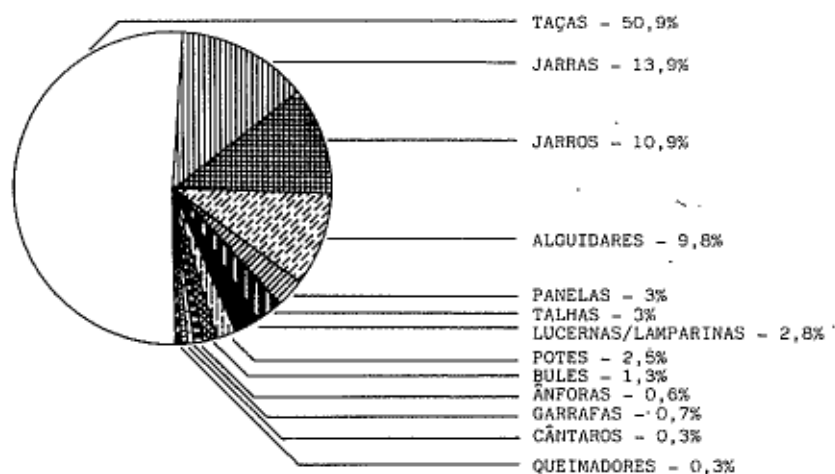


Fig. 8 - As pastas e as formas das cerâmicas almoçadas.

A decoração das taças carenadas, ou com ligeira carena, pode ser conseguida, apenas, pela variação cromática entre a superfície interior e a exterior, com bonito efeito plástico, através de decoração incisa, na superfície exterior, formando canelado ou motivos de carácter fitomórfico, muito estilizados em forma de palmetas (fig. 11), e, ainda, a partir de dedadas sucessivas dispostas, em série, sobre o bordo formando ondulado (fig. 12). Predominam os tons de verde, amarelo e o branco.

Nas taças de carena acusada (fig. 13), a superfície interior é sempre de cor verde variando, somente, o tom da exterior entre verde claro e verde claro amarelado. Estas peças apenas apresentam decoração na superfície interior, formada por duas linhas incisais que delimitam, no fundo, uma cartela circular depois decorada, por estampilhagem, com motivos geométricos, fitomórficos e, também, por séries de motivos impressos a pente (fig. 14).

Tampas de forma hemisférica achatada (fig. 15), fecho hermético e pega troncocónica, poderiam ter sido utilizadas, dadas as suas dimensões, os tons das superfícies e os temas decorativos empregues, para cobrir algumas das taças carenadas (fig. 16).

As jarras mostram bordo alto, ligeiramente introvertido, com lábio de secção semicircular ou biselado. Duas asas opostas, ligando o bordo ao corpo destas peças, podem oferecer perfil sub-oval e um botão, na parte superior, representar cabeças de equídeos (fig. 17). Uma das peças zoomórficas exhibe, mesmo, orelhas e crina, bem modeladas, assim como um cabeção; numa segunda reconhecem-se os olhos e as crinas do animal, encontrando-se marcadas através de pequenas incisões. As superfícies podem ser monócoras ou oferecerem variação cromática. Somente um dos exemplares tem a superfície exterior decorada com linhas incisais, paralelas e horizontais, formando canelado.

As talhas (fig. 18), apresentam a superfície interior com aguada, de cores claras, e a exterior esmaltada em gradações de cor verde. São decoradas pela impressão de grandes matrizes, normalmente de forma rectangular, que podem intercalar com pequenas bandas ou frisos de estampilhas menores.

As grandes estampilhas, como as que a seguir descrevemos, representam motivos antropomórficos, fitomórficos, arquitectónicos, leteriformes e geométricos.

Uma mão direita aberta, "mão de Fátima", com os dedos estendidos, rodeada por motivos fitomórficos (fig. 19) é o único tema antropomórfico conhecido. Também muito raras são as estampilhas com figuras zoomórficas como um quadrúpede, possivelmente um onagro, com a cabeça voltada para trás, boca aberta, e orelhas bem marcadas. Oferece corpo curto, assente sobre pernas bem modeladas, e em movimento, que terminam em cascos convenientemente pormenorizados. Mostra uma pequena cauda, a pata dianteira encontra-se levantada, e está, como que em pose, rodeado por motivos florais (fig. 20).

Conhecem-se estampilhas com motivos fitomórficos que, em alguns casos, integram outros epigráficos e oferecem aspectos complexos, podendo também intercalar com temas epigráficos contendo palavras ou frases. As palmetas são outros dos temas decorativos destas estampilhas.

Encontrámos matrizes de carácter arquitectónico, como as que representam arcos polilobulados ou ultrapassados, preenchidos, no interior, por motivos

fitomórficos e aos quais foram, por vezes, associadas teorias de linhas verticais, com altura superior à da própria estampilha, de modo a sugerirem arcarias (fig. 21).

Por fim, detectaram-se motivos geométricos, como os losangos e os meandros.

As pequenas faixas estampilhadas, que intercalam com negativos destas grandes matrizes, são, todas elas, de carácter geométrico e formam triângulos, losangos com um ponto central, ou ainda motivos espinhados. Estas podem estar associadas a linhas incisais, horizontais, rectas ou onduladas (figs. 22, 23).

As talhas seriam cobertas por tampas, com bordo ligeiramente extrovertido e lábio plano. As superfícies destas peças apresentam cor mais clara que a da pasta, tendo a base rugosa. Apenas parte da superfície externa oferece esmalte, de cor verde, sobre canelado contínuo ou intercalado com faixas estampilhadas. As matrizes utilizadas apresentam pequenos motivos fitomórficos.

Exumámos lucernas e lamparinas com as superfícies esmaltadas de cor branca ou verde. Uma lucerna tem corpo circular, pequeno bico sub-rectangular, e, ao centro, um elemento para suspensão (fig. 24). As lamparinas mostram base circular, em bolacha, pé alto e depósito com um ou dois bicos. Uma asa, de perfil vertical ou oblíquo, colocada do lado oposto ao bico liga o corpo à base.

Possuímos, de igual modo, pequenos potes que apresentam corpo ovóide, com ligeira carena a meia altura, bordo introvertido, lábio plano, onde assentaria a tampa. O pé é em anel. Uma destas peças oferece, na superfície exterior, restos de uma pega assim como duas linhas, de cor dourada, uma junto ao bordo e outra na separação entre a parede e o pé (fig. 25).

Pertencem a este mesmo grupo de cerâmicas os fragmentos de dois queimadores, com forma hexagonal, de bordo alto e extrovertido, com a parte superior plana e lábio de perfil semicircular. Assentam numa base plana e as superfícies interiores mostram tom mais escuro que o da pasta, ou esmalte de cor branca. Nas exteriores, e na parte superior do bordo, oferecem esmalte de cor verde, e apresentam decoração estampilhada que intercala com linhas incisais.

2.2. Descobrimos, também, grandes taças e lamparinas com as superfícies vidradas de cor castanha (meladas). Estas peças, foram elaboradas com pastas cor-de-laranja, rosadas e vermelhas (2.5YR5/8; 2.5YR6/6; 5YR7/8; 10R6/6; 10R5/6; 10R5/8; 2.5YR5/6; 2.5YR5/8), bem depuradas, contendo elementos, não plásticos, de grão médio a fino.

As taças oferecem grau transparente, o corpo de forma hemisférica, carenada ou com carena acusada. Assentam, estes três tipos, em pés, altos, em anel. Temos, ainda, taças com paredes um pouco oblíquas, ou quase verticais, e com fundos convexos. As taças, hemisféricas e carenadas, podem estar decoradas com linhas, escorridas e irregulares, de cor castanha escura de óxido de manganês. Estas, estão dispostas sobre o bordo e na superfície interior, de uma maneira contínua ou descontínua, pintadas em paralelo, obliquamente, ou formando palmetas. Num dos exemplares a decoração, daquela mesma cor, foi elaborada na superfície exterior, sendo constituída por conjuntos de linhas, semicirculares, quase concêntricas (fig. 26-2). Em certas peças encontrámos duas linhas incisais, junto ao fundo da superfície interior. Noutras, de forma hemisférica, o bordo, espessado exteriormente, oferece pequenas

impressões intervaladas, que lhe conferem aspecto ondulado (fig. 26-7). Algumas taças, com fundos convexos, têm decoração plástica, como pequenos mamilos, na superfície exterior (fig. 26-1). Outras mostram também, na superfície exterior, decoração formada por teorias de cordões verticais, em relevo e paralelos entre si, que unem um cordão horizontal disposto abaixo do bordo a outro, paralelo àquele, que demarca a carena (fig. 27).

As lamparinas são formalmente semelhantes aos exemplares com as superfícies esmaltadas.

2.3. Os fragmentos com pastas e superfícies de cores claras pertencem a taças, jarras, alguidares e a bules. Estas cerâmicas, têm pastas de cor bege, rosada, amarela clara, bege avermelhada e acinzentada (10YR7/4; 10YR8/3; 7.5YR7/4; 2.5YR6/6; 5YR7/1; 5YR8/4; 7.5YR8/4; 5YR7/6; 10R6/6; 5Y8/2; 5Y7/6; 5YR6/4; 10YR7/2; 5YR7/2), bem depuradas, contendo elementos, não plásticos, que variam entre o grão médio e o finíssimo. Incluímos neste grupo, que totaliza 24,4% dos fragmentos recolhidos nesta camada, os decorados com linhas pintadas, de cor castanha escura a negra, cerca de 3,5%, cor-de-laranja a vermelha, cerca de 1,4%, e os que mostram engobe de cor negra, numa das superfícies onde foram abertos motivos esgrafitados (0,1%).

As taças mostram forma aberta, ou hemisférica, com fundo plano ou achatado. As superfícies têm tom mais claro que o da pasta podendo apresentar decoração, cor-de-laranja, sobre o bordo. Um destes exemplares, do qual só possuímos um fragmento, oferece, nas superfícies, aguada de cor bege, quase branca, e decoração, pintada, cor-de-laranja. Na superfície interior o motivo representado é composto por bandas irregulares, dispostas em círculo, pintadas com tintas planas que intercalam com outras ponteadas. Na superfície exterior, que é a base da taça, cruzam-se cartelas, com linhas onduladas, acompanhadas por linhas ponteadas irregulares (fig. 28).

As jarras têm corpo globular e bordos altos, oferecem duas ou quatro asas opostas, pé em anel, e as superfícies no mesmo tom da pasta ou de tom mais claro. A superfície exterior pode conter decoração incisa formada por linhas horizontais, no corpo e nas asas das peças (fig. 29); duas linhas horizontais e paralelas, que delimitam um motivo constituído por várias outras oblíquas, dispostas em série; uma cartela constituída por cinco linhas incisadas (três num lado e duas no outro) decorada com pequenas flores, estampilhadas, de doze pétalas; três pequenas caneluras nas asas, executadas por incisão profunda, mostrando, na parte superior, dois elementos plásticos de forma triangular. Esta mesma peça tem, na ligação entre o bordo e o colo, um estreito cordão, em relevo, decorado com incisões que delimitam pequenos triângulos isósceles (fig. 30). Ainda são pertencentes a jarras dois fragmentos que apresentam, na superfície exterior, engobe negro sobre o qual foi aberta decoração esgrafitada. Esta, foi executada, com uma ponta fina e aguçada, mostrando num dos fragmentos um motivo arqueado ladeado por outros de cunho fitomórficos e geométricos, e no outro por um tema epigráfico, em caracteres cúficos, rodeado por elementos vegetais.

Os alguidares apresentam formas grandes e abertas, com as paredes oblíquas e os bordos extrovertidos, podendo ser demarcados exteriormente. As superfícies exteriores são da mesma cor da pasta e as interiores ou mostram aguada, de cor branca, ou foram muito bem brunidas (fig. 31).

Os bules têm corpo de forma ovóide, bordos verticais um pouco extrovertidos e com lábio de secção semicircular, assentam num pé alto, com base plana, e oferecem um pequeno rebordo para encaixe. O pé pode ser, também, baixo e em anel. Sob o bordo sobressai o pequeno gargalo e, no lado oposto, uma asa de perfil semicircular e secção circular. As superfícies apresentam a mesma cor da pasta ou aguada de cor quase branca. As superfícies exteriores oferecem decoração canelada, formada por linhas modeladas, horizontais e paralelas, dispostas em série.

2.4. As cerâmicas fabricadas com pastas vermelhas, castanhas e cinzentas (10R5/8; 10R4/8; 5YR6/4; 10R4/1; 10R5/1), que permitiram uma atribuição formal, pertencem a taças, alguidares, painéis, bules, ânforas, e a cântaros. Constituem 67% dos fragmentos recolhidos, e as pastas contêm elementos não plásticos que variam entre o grão fino e o grosso. Pertencem, também, a este grupo as cerâmicas decoradas numa das superfícies, com linhas pintadas de cor branca, cerca de 4,7%, assim como as peças que têm uma das superfícies brunidas, cerca de 4%, e as que oferecem brilho metálico numa das superfícies (0,5%).

As taças apresentam formas abertas e assentam em fundos convexos sem pé. A superfície interior tem a mesma cor da pasta e a exterior pode mostrar canelado com manchas, possivelmente digitadas, de cor branca.

Os alguidares assemelham-se, formalmente, aos exemplares fabricados com pastas claras. As superfícies exteriores são da mesma cor da pasta e as interiores encontram-se bem brunidas, sobre uma aguada de cor alaranjada.

As painéis apresentam corpo globular, fundo convexo e duas asas opostas, ligando o bordo ao corpo. As superfícies internas são da mesma cor da pasta e as externas oferecem decoração, incisa, constituída por linhas horizontais, na ligação entre o bojo e o colo da peça, e, a meio do corpo, uma banda canelada. Sobre o colo notam-se, também, linhas pintadas, com bateria de pincéis, de cor branca.

Os bules têm corpo ovóide, fundo plano ou ligeiramente convexo e bordos de forma variada. Mostram, a baixo do bordo, um pequeno gargalo cilíndrico e, do lado oposto, uma asa de perfil semicircular e secção oval. Às superfícies foi dada aguada, de cor castanha escura a negra, sobre a qual se pintaram a branco, decorações variáveis. Numa das peças observam-se três linhas sobre o bordo e outras três no bojo, dispostas na horizontal e em paralelo, vendo-se, ainda, sobre o corpo conjuntos de pequenos traços, executados com bateria de pincéis (fig. 32). Um outro bule exibe linhas sobre o bordo, no colo e no corpo, assim como pequenos traços, dispostos obliquamente, pintados, com bateria de pincéis, sobre a parte superior do corpo. Um terceiro exemplar mostra, na superfície exterior, decoração canelada e sobre a asa duas linhas, horizontais, pintadas de cor branca.

As ânforas apresentam forma ovóide e fundos que podem ter um pequeno ônfalo ou perfil quase subtriangular. As superfícies são da mesma cor da pasta, com algumas manchas de cor acinzentada, oferecendo a exterior, aguada de cor quase branca. Esta, está decorada por caneladão constituído por linhas, relevadas, horizontais.

Os cântaros têm corpo ovóide alongado, base plana, e bordo alto com lábio de perfil semicircular, demarcado por uma linha incisa. Duas asas, opostas, ligam o bordo ao corpo

da peça. As superfícies foi dada aguada de cor negra, com brilho, sendo a exterior decorada com linhas pintadas, de cor branca, dispostas na horizontal.

3. Integração cultural

O polimorfismo, a abundância e a riqueza decorativa das cerâmicas almoadas de Silves, recuperando diversas tradições técnicas e decorativas, onde se cruzam diferentes influências orientais, com as norte-africanas e, até, as peninsulares, está bem patente neste período da vida da sua alcáçova que deve, ainda, reflectir, o florescimento, económico e cultural, do império de Abu Isuf Yacub, denominado al-Mansur (1184-1199), e do período imediatamente anterior à conquista cristã da cidade.

Algumas das formas agora apresentadas foram muito disseminadas no Norte de África e no Sul da Península, durante o período almoado, e não-de ser fabricadas, com poucas alterações, em ambas as orlas, desta área do Mediterrâneo. Neste caso encontra-se uma das taças hemisféricas, esmaltada a branco, com motivos, pintados, de cor azul de cobalto. Esta peça, bastante rara, encontra paralelos nos níveis almoados de Belyounech e, também, numa tampa de fecho hermético, decorada com motivos daquela cor, recolhida no poço de San Nicolas de Múrcia; ambas datadas no século XIII (Cardenal, 1980, 239; Palazon, 1986, 202, fig. 428). O uso desta cor na pintura da loiça, anterior às produções valencianas, deve ter tido pouca divulgação, possivelmente, face a outras técnicas decorativas bem mais conhecidas e de grande efeito plástico, como a corda seca e o reflexo metálico.

Do mesmo modo encontramos, tanto no Norte de África como no Sul da Península, as taças com carena acusada, semelhantes aos exemplares de Silves mas sem estampilhas, em Alcácer Ceguer, Belyounech e em Valencia, na Rua Tossal de Sant Esteve (Redman, 1980, 254, fig. 2B; Cardenal, 1980, 228; Myers e Blackman, 1986, 58, fig. 2; Bazzana, 1983, 76, fig. 16, nº 1372). A decoração com estampilhas, inseridas em cartelas circulares, encontra paralelos em três peças, provenientes de Santa Fe de Oliva (Valencia), mostrando, duas delas, na superfície interior, pequenas flores, impressas, similares aos motivos representados nas taças do Castelo de Silves (Bazzana, 1986, 213, fig. 8, 1 e 2). A mesma temática detecta-se, de igual modo, em taças exumadas na Praça Cardenal Belluga, em Lorca. Estas cerâmicas foram classificadas como pertencendo aos séculos XII-XIII.

Existem, em Silves, peças que, pela temática decorativa, podem encontrar protótipos no Oriente. Pertenceriam a este grupo as jarras apresentando pequenas asas zoomórficas que devem fazer parte de um grupo de vasilhas bastante raro. Os únicos paralelos, completos, que coligimos provêm do Irão, observando-se, na superfície exterior de duas jarras esmaltadas a dourado e com decoração em relevo, quatro asas que representam pequenos leões. Estas foram datadas nos séculos XII-XIII. Na Península, conhecemos dois exemplares que, pelas suas dimensões, podem pertencer a peças deste tipo, uma delas, foi recolhida na área urbana de Lorca (Múrcia), e representa a cabeça de um cavalo tendo sido datada nos séculos XII-XIII; a outra, com a mesma atribuição cronológica e idêntica temática, foi recolhida em Almería (Grube, 1976, 206, 208, figs. 149, 158; Palazon, 1986, 53, fig. 108; Duda, 1970, fig. 2f)

As talhas, com as superfícies exteriores esmaltadas, estão decoradas com diferentes faixas estampilhadas, preenchendo os motivos, por vezes, parte ou a totalidade do bordo e do corpo.

O tema da "mão de Fátima" (A1 e A2) mais ou menos estilizado, o único de carácter antropomórfico, está normalmente ladeado por motivos fitomórficos e, deste modo, podemos observá-lo num fragmento proveniente do poço-cisterna, almoada, de Silves (Gomes e Gomes, 1986, fig. 10-1). Em Lorca, numa peça recolhida na Praça Cardenal Belluga, encontra-se representado num fragmento de cerâmica, vidrado de cor verde, e sobre o bordo de vasilhas, com engobe negro, ornadas com esgrafitos, datadas do século XIII (Palazon, 1986, 15, 121, 297, 314, figs. 33, 259, 635, 663). Podemos, ainda, reconhecer impressões deste tipo de matriz, em espaços de recorte arquitectónico, nas talhas do Museu de Sevilha (Fernández e Porres, 1982, fig. 3, 6 e 7), ou do Museu de Toledo (Escudero, 1943, 148, fig. 17-4), classificadas como mudéjares.

A representação de um pequeno quadrúpede (Z1) estampilhado, no fragmento da parede de uma talha, com a cabeça voltada para trás, em posição de marcha lenta e ladeado por elementos fitomórficos, encontra paralelos num animal esgrafitado, sobre engobe negro, proveniente da Alhambra de Granada. Foi datado, por Pavon Maldonado (1967, 430, fig. 15), nos séculos XIII-XIV e mostra corpo baixo, alongado, com pernas curtas, cabeça igualmente torcida, focinho comprido acompanhando o volume do tronco, tendo sido interpretado, por aquele autor, como sendo um lobo.

Um outro equídeo, a que Rosselló-Bordoy (1978, 119, fig. 65) chama burrinho, está representado numa jarra decorada com corda seca parcial, recolhida em Maiorca, classificada como do período almorávida.

As mesmas características anatómicas, da estampilha de Silves e das anteriormente citadas, assinalam-se, também, num pequeno animal, em posição de marcha, impresso sobre um fragmento de talha, exumado em Múrcia, datado do século XIII (Palazon, 1986, p. 311, fig. 658).

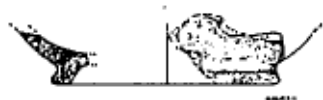
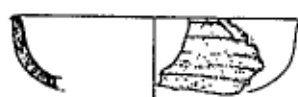
Outros quadrúpedes, semelhantes, foram representados, quer pintados quer estampilhados, em duas jarras, com decoração esgrafitada ou pintada, que se encontram no Museu de Ceuta e no fragmento de uma talha de Maiorca (Maldonado, 1967, 431, fig. 16; Rosselló-Bordoy, 1978, 87). Estas figurações foram atribuídas a gazelas e, ao contrário do pequeno animal de Silves, têm focinho curto, orelhas bem maiores e, especialmente, corpo alongado que assenta em pernas altas e elegantes. Como estes paralelos não nos permitiam identificar o animal representado na estampilha de Silves, tentámos descobrir, noutros horizontes, figuras cuja estrutura física de algum modo se lhe assemelhassem. O quadrúpede mais parecido que coligimos é o onagro e encontra-se pintado sobre a nave do grande átrio de entrada do palácio, omíada, de Amra na Jordânia; integrado numa cena de caça onde estes equídeos são perseguidos por cães (Amiet, 1986, 26). Dois animais análogos, representados entre motivos florais, foram, de igual modo, pintados nas páginas de um manuscrito de Manáfi' al-Hayawán, por Abu Sa'id'Ubayd Alla ibn Bakhtisha, proveniente do Irão, datado do século XIV, e, actualmente, no Museu do Kuwait (Jenkins, 1983, 97).

O motivo fitomórfico, cuja matriz foi aplicada na asa de uma talha, encontra paralelos numa peça, do mesmo tipo,

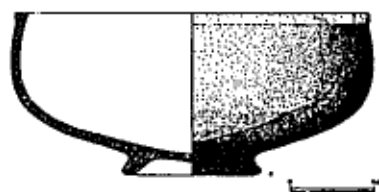
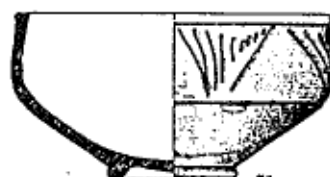
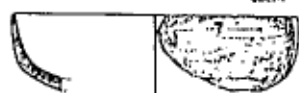
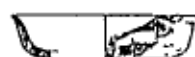
COM REFLEXO METALICO



HEMISFERICAS



CARENADAS



COM CARENA ACUSADA

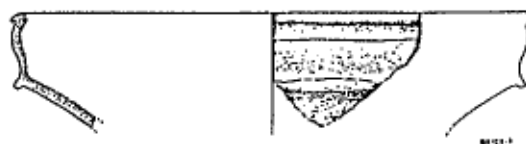
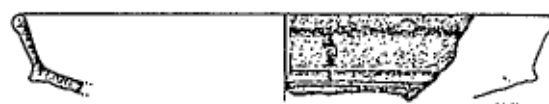
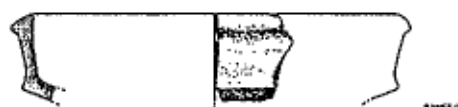
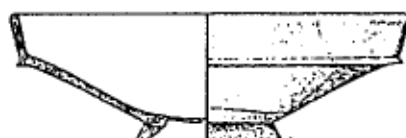
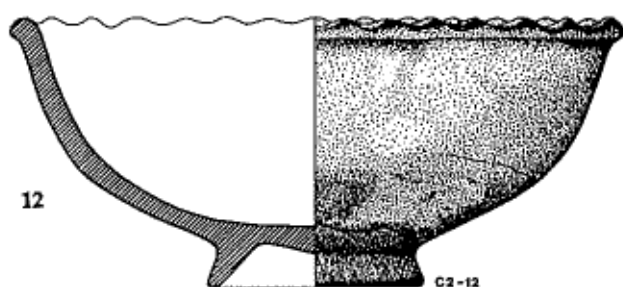


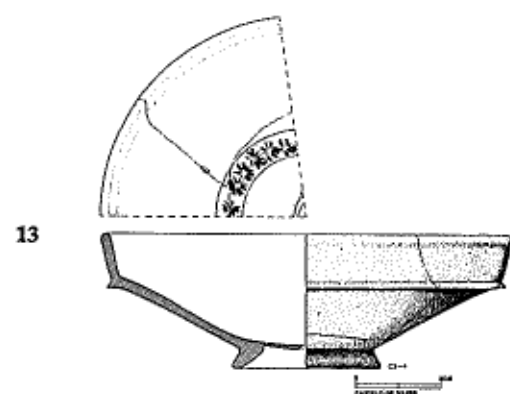
Fig. 9 - Taças almoçadas - Fig. 10 - Taça, esmaltada a branco, com rara decoração a azul de cobalto.



11



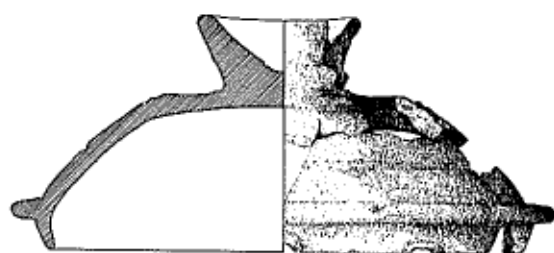
12

0 5CM
CASTELO DE SILVES

13



14



018/CS-9



032/CS-1



018/CS-10



038/CS-1

011/CS-9
5CM
CASTELO DE SILVES

15



16

Fig. 11 - Decoração incisa, em taças, com motivos fitomórficos. - Fig. 12 - Taça, esmaltada, de cor verde. Fig. 13 - Taça, com carena acusada, decorada, no interior, com estampilhas fitomórficas. - Fig. 14 - Catálogo dos motivos, estampilhados e impressos a pente, que decoram o interior de algumas taças de carena acusada. - Fig. 15 - Tampas com as superfícies, esmaltadas, em tons de verde, amarelo e branco. Fig. 16 - Decoração incisa, em tampas, com motivos geométricos e fitomórficos.

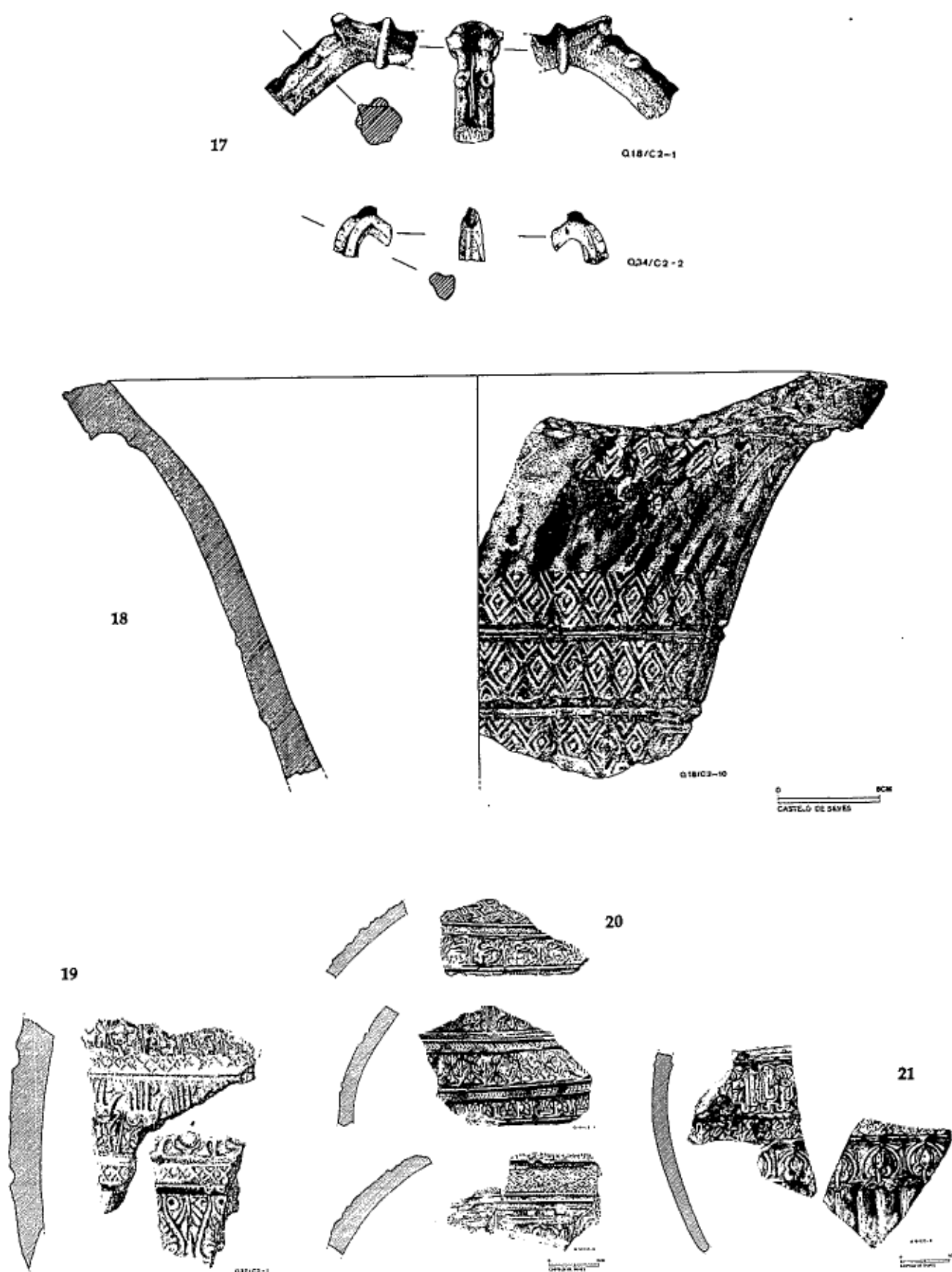


Fig. 17 - Asas, de jarras, representando cabeças de equídeos. - Fig. 18 - Fragmento do bordo de uma grande talha, decorada com estampilhas geométricas. - Fig. 19 - Parede de talha tendo ao centro uma banda, estampilhada, com a representação da "mão de Fátima". - Fig. 20 - Fragmentos de talhas com estampilhas zoomórficas, fitnórficas, epigráficas e geométricas. - Fig. 21 - Fragmento de talha com estampilhas arquitectónicas que intercalam com outras de carácter geométrico e epigráfico.

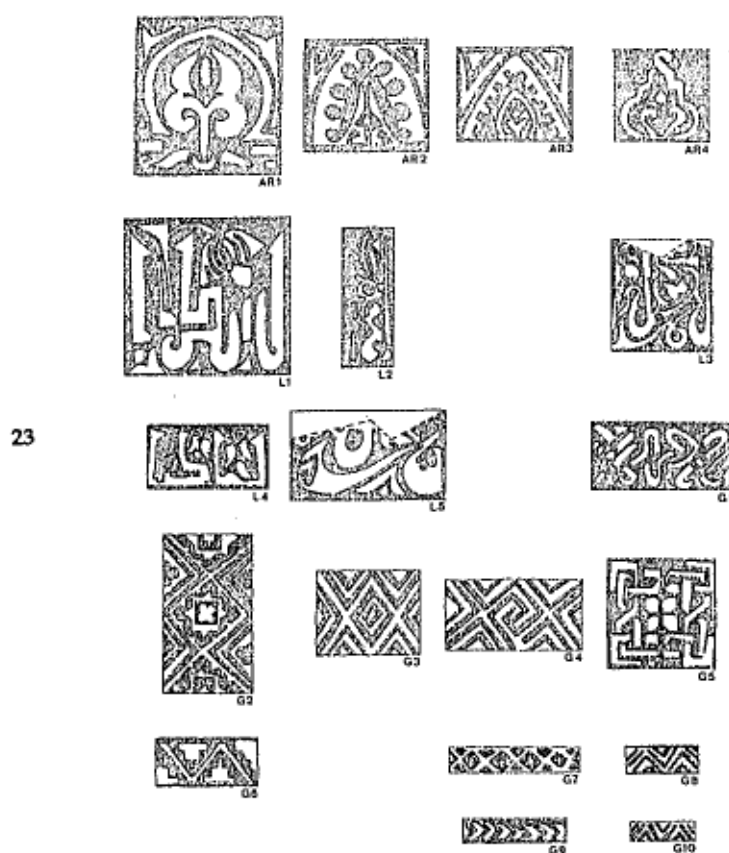
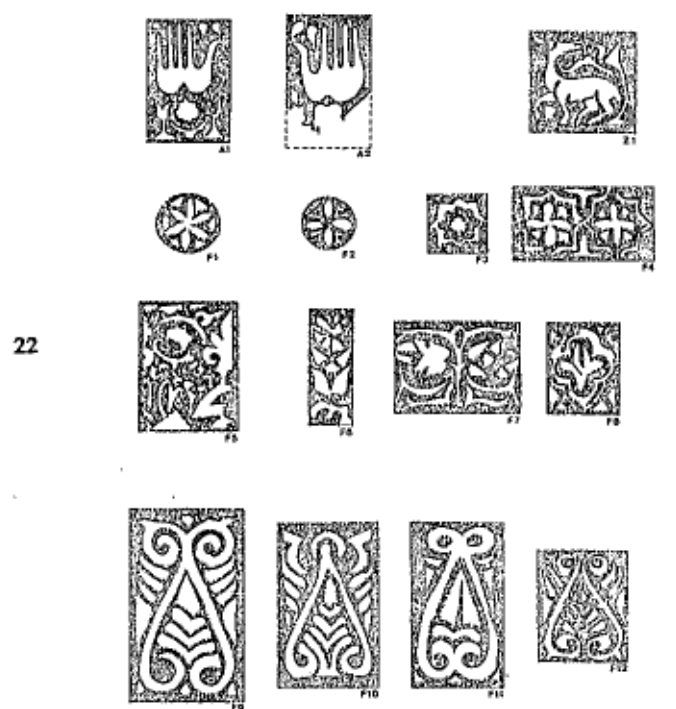


Fig. 22 - Estampilhas reconhecidas na decoração de grandes talhas. - Fig. 23 - Estampilhas reconhecidas na decoração de grandes talhas.

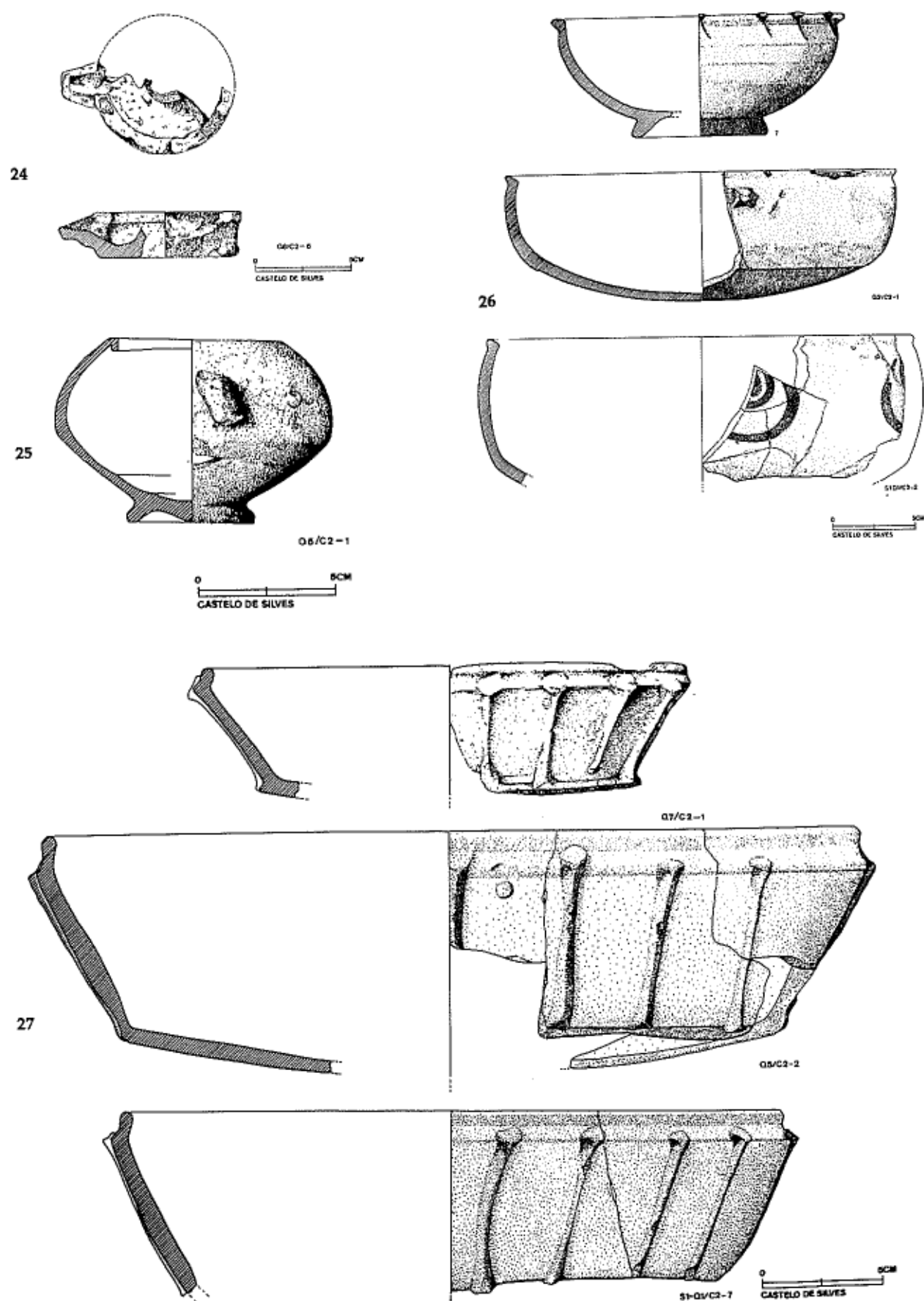
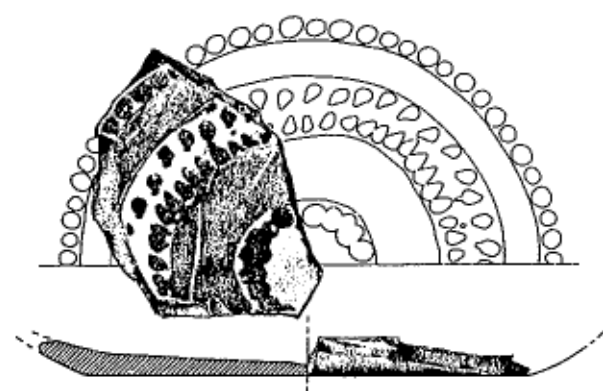
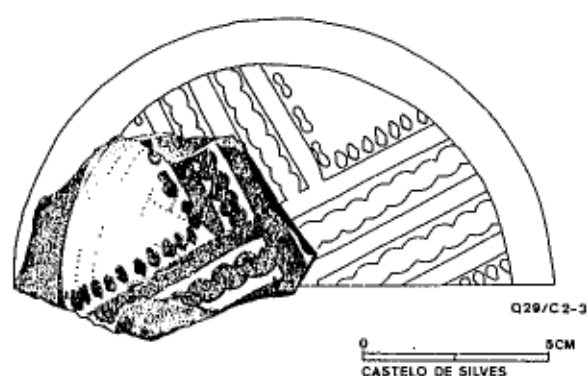


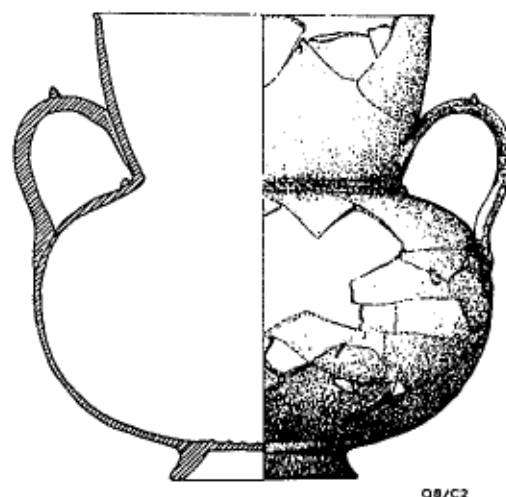
Fig. 24 - Lucerna com corpo circular. - Fig. 25 - Pequeno pote, esmaltado a branco, decorado com linhas douradas. - Fig. 26 - Taças, vidradas, de cor castanha. - Fig. 27 - Taças, vidradas, decoradas com cordões, em relevo, na superfície exterior.



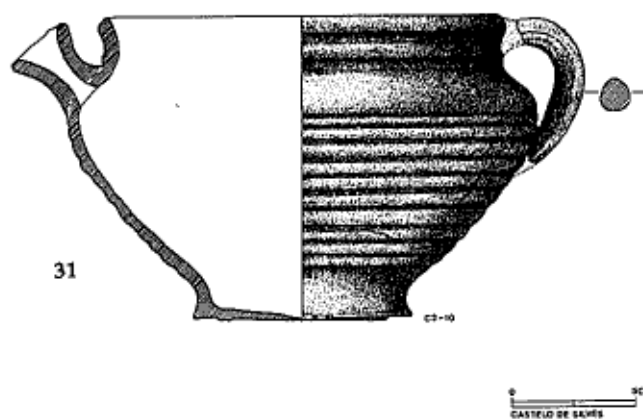
28



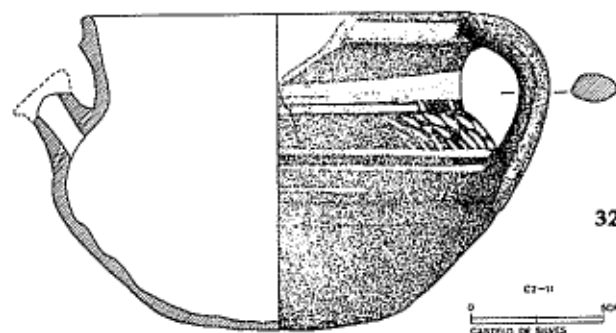
29



30



31



32

Fig. 28 - Porção do fundo de uma taça pintada a cor-de-laranja. - Fig. 29 - Jarra com quatro asas, opostas duas a duas. Fig. 30 - Jarra de paredes muito finas e com quatro asas, opostas duas a duas. - Fig. 31 - Bule, com pasta e superfícies, de tom bege. - Fig. 32 - Bule, decorado com linhas, pintadas, de cor branca.

proveniente d'Almería e classificada do período nazari (Duda, 1970, est. 23c). Este, mostra, também, pequenas flores, com oito pétalas, diferenciando-se, neste aspecto, da procedente de Silves que tem, apenas seis pétalas.

A matriz (C2), de carácter fitomórfico, aplicada sobre um fragmento de talha, esmaltado de cor verde, é similar a outra que se encontra sobre uma peça, com as superfícies da cor da pasta, recolhida na Praça Cardenal Belluga, em Lorca (Múrcia), datada do século XIII (Palazon, 1986, 76, fig. 152).

As palmetas são dos motivos mais empregues na estampilhagem de grandes vasilhas, podendo-se encontrar bons paralelos em peças exumadas em Almería, onde foram datadas do período almorávida e almoadá, em Cieza, na área urbana tanto de Lorca como de Múrcia, classificadas no século XIII, e, ainda, numa talha do Museu de Ceuta dada como pertencente ao século XIV (Duda, 1970, fig. 5, ests 1, 4; Palazon, 1986, 3, 41, 271, 310, figs. 4, 79, 587, 657; Sotelo, 1980, est. XLI). Em Belyounech uma destas palmetas foi impressa num fragmento, que integra um friso arquitectónico, classificado como sendo do século XII (Cardenal, 1980, 245, est. VIII).

O motivo arquitectónico, estampilhado oferecendo um arco ultrapassado e preenchido por elemento fitomórfico, a que foi associado linhas verticais incisas, é semelhante ao de uma outra matriz representada numa talha, que se encontra no Museu de Córdoba, embora não mostre, como o de Silves, a flor no interior do arco. Esta peça foi classificada, por Jener (1948-49, 225, fig. 89, nº 7417), como almoadá. São muitas as representações, estampilhadas, de arcos polilobulados, associados a linhas incisas de modo a sugerirem arcarias, tal como se observa no exemplar de Ceuta e nas talhas vidradas do Museu de Córdoba; a primeira datada, do século XIV, e as outras, já referidas, como sendo almoadas (Jener, 1948-49, fig. 89, nº 9192; Sotelo, 1980, est. XLI). Outra estampilha, do Castelo de Silves, de tipo arquitectónico, assemelha-se a um exemplar de Maiorca, também ligado a linhas incisas, onde foi classificado, por Rosselló-Bordoy (1978, 91), como sendo do período almorávida-almoadá. Uma outra matriz, com arcos polilobulados, usada numa talha de Silves, é similar à proveniente da área urbana de Lorca, datada do século XIII, que oferece, apenas, cinco lóbulos e um motivo geométrico no interior (Palazon, 1986, 126, fig. 270). Mas, é no Museu de Córdoba que encontramos a impressão de uma matriz, aplicada sobre uma talha vidrada de cor castanha clara (melada), tendo um arco com nove lóbulos e elementos florais, ao centro e ladeando-a, atribuída, por Jener (1948-49, fig. 89, nº 3149), à época almoadá.

Podemos reconhecer arcos polilobulados, com um número ímpar de divisões, assemelhando-se ao representado na estampilha de Silves, no mihrab da Mesquita Maior de Almería, datada, por Ewert (1971, 401, fig. 10), como sendo de construção almoadá. Da mesma época, com a mesma estrutura, embora só com cinco lóbulos, são os arcos de mihrab da Mesquita de Mértola. Os arcos do mihrab do mosteiro de Bou Jeloud, em Fez, fundado por Abu Yusuf Ya'qub al-Mansur, também almoadas, oferecem onze lóbulos (Terrasse, 1964, 357, fig. 4), e permitem não só datar este tipo de estampilhas como rastrear a relação entre a iconografia arquitectónica e a utilizada na cerâmica.

A estampilha representada numa das talhas de Silves, com caracteres cúficos que intercalam com elementos florais, tem paralelos formais, no tipo de letra e de flores usadas, numa lápide funerária Mqabriya datada de 1221 (Jiménez, 1946, est. 10). Estes motivos, aplicados sobre as paredes de

grandes talhas, dispostos em bandas, tal como nas nossas cerâmicas, encontram-se tanto em Almería, onde são datados do período almoadá ou nazari, como em peças congêneres do Museu de Córdoba (Duda, 1970, est. 5; Jener, 1948-49, fig. 87).

A utilização de dois tipos de escrita diferentes, a cursiva e a cúfica, regista-se numa das peças, com as superfícies esmaltadas da cor da pasta, recolhida na Praça Cardenal Belluga, de Lorca, e atribuída ao século XIII (Palazon, 1986, fig. 149).

O motivo estampilhado, sobre o bordo de uma das talhas, que mostra losangos, dispostos em série, é semelhante a outra matriz aplicada, também, no bordo de uma peça idêntica, mas com as superfícies da mesma cor da pasta, descoberta igualmente na Praça Cardenal Belluga, de Lorca, datada do século XIII (Palazon, 1986, fig. 140).

As taças, vidradas de cor castanha (melada) que apresentam a superfície exterior decorada com cordões verticais (em relevo, e mais ou menos separados, partindo de um cordão horizontal, disposto abaixo do bordo e unindo-se a outro sobre a carena), assemelham-se, tanto pela forma como pela temática decorativa, a peças provenientes de Almería, com cronologia almoadá e nazari, ou de Belyounech, classificadas como almoadas (Cardenal, 1980, 230, fig. 2c; Duda, 1970, est. 22a). Aquela mesma decoração foi aplicada numa trípode, de Valência, com as linhas verticais muito unidas, sem atribuição cronológica, e num almofariz recolhido, numa rua de Maiorca (Bazzana, 1983, 40, fig. 7; Rosselló-Bordoy, 1978, 74, fig. 18), com cerâmicas cristãs e muçulmanas, assim como em peças exumadas nos níveis islâmicos, sem cronologia, de Stª Catalina de Sena. Aliás, neste mesmo local, Rosselló-Bordoy apenas data algumas das peças, abstendo-se de classificar outras.

As lamparinas com base plana, pé alto e bico triangular, encontram paralelos em Almería, onde são classificadas como almorávidas e almoadas, sendo atribuídas, em Belyounech, a este último período (Cardenal, 1989, fig. 10; Duda, est. 11d; Rosselló-Bordoy, 1978, 54). Rosselló-Bordoy não lhes confere cronologia precisa, afirmando que a sua produção se teria iniciado no período taifa, prolongando-se a sua utilização, em Paterna e Manises, até ao século XIV. No Castelo de Silves só exumámos este tipo de peças nesta camada que é, como temos vindo a indicar, claramente almoadá.

A taça de pasta clara, oferecendo a superfície interior e a exterior decorada com motivos pintados, diferentes, cor-de-laranja, tem semelhanças com uma peça de Nishapur. Esta, mostra as superfícies esmaltadas em tons de verde e amarelo, foi datada do século IX, e poderia constituir um possível protótipo (Wilkinson, 1973, 8, 9).

A jarra, de pasta clara que apresenta quatro asas opostas, é semelhante a outra, sem decoração incisa formando cancelado na superfície exterior, que possui um filtro no interior, entre o gargalo e o corpo, exumada no Carrer Zavellà em Maiorca, e datada como sendo almoadá. Formalmente similar, à referida jarra do Castelo de Silves, é uma outra, proveniente da Praça Cardenal Belluga de Lorca, que apesar de ter as cancelas na superfície exterior, apresenta apenas duas asas e foi datada do século XIII (Pons, 1983, 77, fig. 70; Palazon, 1986, 101, fig. 211).

O fragmento de jarra que oferece, na superfície exterior, decoração efectuada pela estampilhagem de uma pequena matriz, floral, encontra paralelos numa peça completa, de Belyounech, datada como sendo almoadá

(Cardenal, 1980, 236, fig. 6d).

Os bules, em especial o primeiro exemplar referido, são semelhantes a um proveniente da área urbana de Múrcia. Este mostra corpo cancelado, um pequeno gargalo abaixo do bordo, falta-lhe a asa, tem base plana, e foi publicado por Palazon (1986, 312, fig. 661), que não faz qualquer atribuição cronológica.

4. Algumas conclusões

Os materiais exumados, de grande riqueza formal e decorativa, têm a ver com o facto, relevante, de investigarmos o interior de uma alcáçova, e a sua área palatina, tendo de estar de harmonia com o alto estatuto, político e social, de, pelos menos, parte da população ali instalada.

A contribuição oferecida pelas escavações na alcáçova de Silves além de uma sucessão de estruturas, algumas ainda fragmentárias, incluídas em níveis arqueológicos, onde as cerâmicas mostraram ser o melhor indício de diferenciação cronológico-cultural, é, também, manifesta na significativa colecção de cerâmicas almoadas, dos séculos XII e XIII. Esta, inclui muitos materiais decorados, com superfícies bridas, pintadas, esmaltadas, vidradas, incisas, impressas ou esgrafitadas. As grandes talhas profusamente estampilhadas, os queimadores, as lamparinas de pé alto, as taças incisas e as de carena acusada, estampilhadas no interior do fundo, surgem pela primeira vez reflectindo, de facto, uma importante renovação cultural e um grande esplendor artístico. A iconografia utilizada nas decorações das cerâmicas sugere, por um lado, a reabilitação da temática geométrica, atribuída aos berberes, embora se façam sentir outras fortes influências magrebínas e, maioritariamente, das produções comuns aos ziríadas. Incluir-se-iam neste caso a aplicação generalizada, dos motivos estampilhados e o gosto pela utilização da decoração leteriforme e arquitectónica, que, intercalando com elementos de temática fitomórfica e incluindo um ou outro animalista, se ligam a profundas raízes orientais. Algumas destas estampilhas aplicadas sobre o bojo de grandes talhas, podiam, mesmo, assumir valor profilático, como a "mão de Fátima", ou a "árvore da vida", protegendo não só a própria água ali armazenada como os habitantes da casa onde aqueles recipientes eram colocados. Os motivos fitomórficos, confundindo-se com outros de tipo leteriforme em caracteres cursivos ou cúficos, recordam a sempre omnipresença divina ou, fazem alusões à fé e à unidade em Allah.

As diferentes campanhas de escavações arqueológicas, na alcáçova de Silves, têm sido subsidiadas pela Câmara Municipal de Silves, Instituto Português do Património Cultural, Fundação Calouste Gulbenkian e Região de Turismo do Algarve, Instituições a quem, aqui, cumpre expressar, publicamente, os nossos agradecimentos.

Os desenhos, que ilustram este trabalho, são da autoria de Rosa Cabrita Reis, Leonel Moura, Sílvia de Freitas, Ivone Beirão e Margarida Carmo.

(1) — As referências cromáticas pertencem às "Munsell Soil Color Charts" e, como tal, devem entender-se como aproximadas.

BIBLIOGRAFIA

- AMIET, P., 1986, *Jordanie la Voie Royale*, «Archeologia», nº 219, pp. 14-26.
- BAZZANA, A., 1983, *La Cerámica Islámica en la Ciudad de Valencia*, Ed. Ayuntamiento de Valencia, 194 pp., 50 figs, Valência.
- 1986, *Typologie et Fonction du Mobilier Céramique d'une Alquería Musulmane à Valence aux XIe et XIIe siècles: Santa Fe de Oliva*, La Ceramica Medievale nel Mediterraneo Occidentale, Ed. All'Insegna del Giglio, pp. 205-217, Faenza.
- CARDENAL, M. G., 1980, *Recherches sur la Céramique Médiévale Marocaine*, La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale, Xe - XVe siècles, Valbonne, Ed. C.N.R.S., pp. 227-249, Paris.
- CRESSIER, P., 1983, *Fortifications du Rif, Habitats Fortifiés et Organisation de L'Espace en Méditerranée Médiévale*, Ed. Maison de l'Orient, pp. 45-55, Lyon.
- DUDA, D., 1970, *Spanisch-Islamisch Keramik Aus Almería Vom 12. bis 15. Jahrhundert*, Ed. F.H. Kerle Verlag, 40 pp., 9 figs, 27 ests, Heidelberg.
- ESCUADERO, M.L.H., 1943, *Las Tinajas Mudéjares del Museo de Toledo. Intento de sistematización*, «Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales», vol. IV, pp. 146-155.
- EWERT, C., 1971, *El Mihrab de la Mesquita Mayor de Almería*, «Al-Andalus», vol. XXXVI, fasc. 2, pp. 391-460.
- FERNANDÉZ, J.A.S., e PORRES M.G.L.V., 1982, *Tinajas Mudéjares del Museo Arqueológico de Sevilla: Tipología y Decoración*, en Homenaje a Conchita Fernandez Chicarro, Ed. Ministerio de Educacion y Ciencia, pp. 457-470, Madrid.
- GOMES, R.V., e GOMES, M.V., 1986, *Cerâmicas estampilhadas, Muçulmanas e Mudéjares do Poço-Cisterna de Silves*, Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal 1985), «Trabalhos de Arqueologia» 3, pp. 127-141, Lisboa.
- GRUBE, E.J., 1976, *Islamic Pottery, of the Eighth to the Fifteenth Century in the Keir Collection*, Ed. Faber and Faber, 378 pp., 274 ests, Londres.
- JENER, S.S., 1948-49, *Estampilhas de Alfarerías Moriscas Cordobesas*, «Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales», vols. IX - X, pp. 220-232.
- JENKINS, M., 1983, *Islamic Art in the Kuwait National Museum. The Al-Sabah Collection*, Sotheby, 157 pp., Londres.
- JIMÉNEZ, M.O., 1946, *Una Mqābriya Almohade Malagueña del Año 1221 J.C.*, «Al-Andalus», vol. XI, fasc. 1, pp. 224-230.

- MALDONADO, B.P., 1967, *Notas sobre la Cerámica Hispano-Musulmana*, «Al-Andalus», vol. XXXII, fasc. 2, pp. 415-437.
- MYERS, J.E., e BLACKMAN, M.J., 1986, *Conical Plates of the Hispano-Moresque Tradition from Islamic Qsar es-Seghir: Petrographic and Chemical Analyses*, La Cerámica Medieval nel Mediterraneo Occidentale, Ed. Al-Insegna del Giglio, pp. 55-66, Faenza.
- PALAZON, J.N., 1986, *La Cerámica Islámica en Murcia*, Ed. Centro Municipal de Arqueología e Ayuntamiento de Murcia, 335 pp., 707 figs, Murcia.
- PONS, M.R., 1983, *Les Ceràmiques Almohades del Carrer de Zavel·la*, Ciutat de Mallorca, Ed. Imagem/70, 128 pp., 135 figs, Palma de Maiorca.
- REDMAN, C.L., 1980, *Late Medieval Ceramics from Qsar es-Seghir*, La Ceramique Medievale en Mediterranée Occidentale Xe-XVe siècles, Ed. C.N.R.S., pp. 251-263, Paris.
- ROSSELLÓ-BORDOY, G., 1978, *Ensayo de Sistematización de la Cerámica Árabe de Mallorca*, Ed. Diputacion Provincial de Baleares, 338 pp., Palma de Maiorca.
- SOTELO, E.A.F., 1980, *Sala Municipal de Arqueología-Ceuta, Guía Catálogo*, 147 pp., LXXVII ests, 36 figs., 2 desdobráveis, Ceuta.
- WILKINSON, C.K., 1973, *Nishapur Pottery of the Early Islamic Period*, 374 pp., 200 figs, 5 ests, Ed. Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque.